

Geral

NOSSA SENHORA APARECIDA

Feriado será de muita chuva em todo o Estado

Na terça-feira, alagamentos causaram lentidão no trânsito da Capital

A chuva, que começou a cair com mais intensidade nesta terça-feira, deve acompanhar os porto-alegrenses durante o feriado de Nossa Senhora Aparecida, permanecendo pelo menos até sexta-feira. O Centro Integrado de Comando da Capital (Ceic) alerta para volumes elevados nos próximos dias, com alto risco de alagamentos em diferentes pontos da cidade. Conforme o sistema Metroclima, da prefeitura de Porto Alegre, é grande a possibilidade de pancadas torrenciais durante todo o período.

Na terça-feira, o maior volume de chuva na Capital havia sido registrado no bairro Glória, com 13,4 mm. Na metade da tarde, quando a chuva era mais intensa, a Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC) registrou pontos de alagamento em vias como Silva Só e Campos Velho, além de semáforos fora de operação na rua Santana e nas avenidas Nilópolis e Cairu. No fim da tarde, a situação já estava normalizada.

O Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) reforça o alerta

para todo o Estado na quarta-feira, com possibilidade de queda de granizo e ventos que podem chegar a 90 km/h em áreas isoladas. A Defesa Civil relaciona as regiões do Alto Uruguai, Planalto Médio, Missões, Campos de Cima da Serra, Encosta Superior do Nordeste e Litoral Norte como as mais suscetíveis a tempo severo. As máximas no Estado serão altas, podendo chegar a 34 graus na quarta-feira, o que potencializa o risco de chuvas fortes e granizo. Na Capital, porém, a previsão é de temperatu-



CLAITON DORNELLES / JC

Capital terá chuva com rajadas de vento e trovoadas até sexta-feira

ra em queda, com baixa amplitude térmica entre quarta e quinta-feira, com máximas em 21 graus.

O Ministério da Integração Nacional liberou, na terça-feira, repasses para os municípios de Santa Rosa (R\$ 393,8 mil) e Miraguai (R\$ 142,8 mil). As duas cidades foram atingidas por eventos climáti-

cos severos no primeiro semestre. Mais de 70 municípios já receberam recursos neste ano, somando mais de R\$ 13,5 milhões.

Na terça-feira, as temperaturas no Estado ficaram entre 10,4 graus (Jaguarão) e 26 graus (Bom Jesus). Na Capital, os termômetros oscilaram entre 19,1 e 24,4 graus.

Para motoristas, recomendação da Polícia Rodoviária é evitar as estradas em horários de pico

O tempo ruim deve ser levado em conta pelos motoristas que irão se deslocar para aproveitar o feriado em diferentes pontos do Estado. A estimativa da Triunfo Concepa e da Polícia Rodoviária Fede-

ral (PRF) é de que cerca de 85 mil veículos utilizem a BR-290 nos próximos dias rumo ao Litoral Norte, enquanto o pedágio de Eldorado do Sul calcula até 35 mil motoristas passando pelas catracas em

direção ao Sul do Estado. A recomendação é que os motoristas evitem pegar a estrada entre as 16h de quarta-feira e as 12h de quinta-feira, período no qual a previsão é de fluxo mais intenso. É preciso tam-

bém estar atento à possibilidade de lentidão, ampliada pelas más condições climáticas.

Entre a zero hora de quarta-feira e a meia-noite de domingo, a PRF, o Departamento Estadual

de Trânsito do Rio Grande do Sul, a Polícia Civil, a Brigada Militar e o Comando Rodoviário estarão envolvidos na Operação Viagem Segura. Para quarta-feira, está prevista uma megablitz em Porto Alegre.

SEGURANÇA PÚBLICA

Organização criminal avança no Estado, indica FEE

Suzy Scarton
suzy@jornaldocomercio.com.br

A crise na segurança pública pela qual passa o Rio Grande do Sul já não é novidade. Além de tentar entender os motivos que causaram o aumento da violência - dados do aplicativo Segurança e Cidadania de 2017, da Fundação Getúlio Vargas, apontam que, de 2013 a 2015, o Estado caiu de quarto para nono com menor taxa de homicídios dolosos -, pesquisadores tentam traçar um perfil do crime gaúcho e elencar possíveis soluções. No painel "Indicadores e desafios para uma política de segurança pública no Rio Grande do Sul", realizado nesta terça-

-feira, na Fundação de Economia e Estatística (FEE), a socióloga Daiane Boelhouwer Menezes e a bolsista Vitoria de Gonzatti apresentaram a pesquisa "Relações entre crimes na Região Metropolitana de Porto Alegre: um primeiro diagnóstico da organização criminal", na qual procuraram estabelecer uma relação entre o aumento de alguns tipos de crimes nos últimos anos, o que pode demonstrar o estágio em que a organização criminal se encontra.

O primeiro desses três estágios consiste em uma lógica mais societária do que econômica, com episódios de violência causados por motivos banais. No segundo, a criminalidade envolve competi-

ção e extinção de grupos ou facções, mais armamento, assassinatos em massa, enfrentamento com a polícia e encarceramento massivo. O terceiro e último engloba controle de mercado, divisão territorial e atividades comerciais mais amplas. Para Daiane e Vitória, há indícios de que a Região Metropolitana tenha entrado no segundo estágio, visto que, entre 2002 e 2016, as ocorrências de tráfico de drogas quintuplicaram, e as de homicídio dobraram. "Usamos dados da imprensa para fazer um levantamento dos homicídios, como esquartejamentos e decapitações. São crimes violentos, que procuram aterrorizar o alvo e o entorno. E, geralmente, tanto a vítima como o criminoso estão envolvidos com o tráfico", caracteriza Daiane.

No Estado, a solução que tem sido apresentada é a criação de vagas prisionais e a construção de mais penitenciárias. No entanto, especialistas alertam que prender mais não é a solução para o problema endêmico no País. Enquanto alguns estados, por motivos diversos, avançaram na implementação de políticas públicas, como Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo, o Rio Grande do Sul ficou estagnado.

Pensamento conservador é uma resposta ao medo, diz Rodrigo Azevedo

O estudo "Medo da Violência e Autoritarismo no Brasil", do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, associou a alta propensão dos brasileiros a apoiar teses autoritárias ao quadro ameaçador da segurança pública no País, que registra mais de 60 mil homicídios por ano. Cada vez mais acuado pela insegurança, o brasileiro se torna propenso a aceitar o surgimento de "salvadores da pátria" ou a apoiar medidas de autoproteção, como a revogação do Estatuto do Desarmamento, de 2003.

Embora as prisões estejam lotadas, a impunidade ainda é um dos principais problemas da sociedade. "Temos que soltar presos. A questão é: quem será solto?", pondera Rodrigo Azevedo, professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Pucrs) e membro do Fórum Brasileiro de Segurança. Ele também critica a política de repressão às drogas instaurada no País. "É uma piada. O usuário é criminalizado, o pequeno traficante é preso. Será que focar a criminalidade violenta não seria mais interessante para o encarceramento?", questiona.

A sociedade responde à impunidade com pedidos de penas mais duras e apoio a máximas que defendem que "bandido bom é bandido morto" - e desse discurso surgem figuras como o deputado federal Jair Bolsonaro (PSC-RJ), já pré-candidato à presidência da República em 2018. "Vivemos um momento de legitimação da violência: é usada pelas polícias, pelos traficantes, por manifestantes; e tinha de ser interdita. Não se pode usar violência", defende Azevedo.

Para o professor, diante de cenário tão preocupante, faltam lideranças políticas capazes de "enfrentar a opinião pública, a mídia e as polícias" para alterar o sistema. Além disso, defende uma arquitetura institucional, com articulação entre governos federal, estadual e municipal, cada um atuando em uma frente; e a superação da atual dicotomia entre Brigada Militar, que atua na prevenção e coibição de crimes, e Polícia Civil, responsável pela investigação de delitos. "Polícia e prisão são fundamentais, mas tem que ter prevenção. O investimento no jovem é o mais barato e o que mais dá retorno", alerta.



MARCELO G. RIBEIRO/JC

Vagas em presídios são a principal solução apresentada pelo Estado